

**PSICOLOGIA E O CONTEXTO DO TRABALHO: PERSPECTIVAS E DESAFIOS  
NA CONSOLIDAÇÃO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA**

Maressa de Proença\*  
Milene Tomoike  
Regiane Cristina Souza

Segundo Gaiger (2003), a Economia Solidária pode ser compreendida como um conjunto de empreendimentos produtivos de iniciativa coletiva, com certo grau de democracia interna e que remuneram o trabalho de forma privilegiada em relação ao capital, seja no campo ou na cidade.

Desse modo, entende-se que a economia solidária está intrinsecamente relacionada com a relação existente entre o trabalhador e os meios de produção, sendo que a empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção, que é reconhecidamente a base do capitalismo. A empresa solidária é basicamente composta pelos próprios trabalhadores, que apenas secundariamente são seus proprietários. Por isso, sua finalidade básica não é, unicamente, maximizar os lucro e sim a quantidade e a qualidade do trabalho (Singer, 2000).

Podemos afirmar que a economia solidária, então, nesse contexto, apresenta-se como uma reconciliação entre o trabalhador e seus meios de produção além de fornecer, de acordo com Gaiger (2003), uma experiência profissional fundamentada na equidade e na dignidade, na qual ocorre um enriquecimento do ponto de vista cognitivo e humano. Com as pessoas mais motivadas, a divisão dos benefícios definida por todos os associados, a solidariedade e o interesse dos trabalhadores em garantir o sucesso do empreendimento estimula maior empenho com o aprimoramento do processo produtivo, a eliminação de desperdícios e de tempos ociosos, a qualidade do produto ou dos serviços, além de inibir o absenteísmo e a negligência.

Por conseguinte, percebe-se que as ações no campo da Economia Solidária apresentam-se como uma nova possibilidade de geração de trabalho e renda bem como uma nova forma de estabelecer relações no trabalho, favorecendo a autonomia e a aproximação

dos participantes e desenvolvendo novas e diferentes formas de atuação, e, desse modo, passa a exigir grande esforço da parte dos envolvidos a fim de promover condições de trabalho que compreendam a diversidade das pessoas que atuam em equipe.

Neste processo, não se pode olvidar a importância do acompanhamento por psicólogo em todas suas etapas, como profissional responsável pela análise dos pressupostos da constituição das relações humanas no trabalho e suas implicações na construção e coesão da identidade grupal.

Tem-se como finalidade buscar a consciência coletiva do grupo sobre a importância do trabalho em conjunto bem como sobre as características estruturais de uma cooperativa econômico-solidária, além de promover um espaço público, que de acordo com Dejours (1993) é a metodologia de trabalho do psicólogo no intuito de possibilitar interações que facilitem a expressão de conteúdos emocionais, na construção coletiva do trabalho, contribuindo para expressão das defesas coletivas e do direcionamento do trabalho da psicologia, haja vista que esta se consolida em um espaço que é constituído a partir da fala (do trabalhador) e da escuta (do psicólogo). Vale ressaltar que na perspectiva da Psicodinâmica do Trabalho, o essencial passa pela subjetividade e as relações de trabalho. Conforme enfatiza Mendes (2011) as intervenções devem ser sobre o real do trabalho, ou seja, a forma como o sujeito subjetiva e coletivamente constrói suas representações acerca da atividade laboral. Acrescentamos que a Psicodinâmica do Trabalho não se constitui como uma teoria que se refere especificamente à proposta da Economia Solidária e, sim, como uma teoria que investiga a relação sujeito/trabalho a partir do espaço público e da construção coletiva.

A partir deste contexto, este trabalho busca apresentar novas perspectivas sob a atuação do psicólogo junto a um Projeto de Geração de Trabalho e Renda de caráter econômico-solidário enquanto agente que se preocupa em promover a construção das relações de trabalho.

O projeto alinha-se ainda com a proposta de compreender o contexto da organização do trabalho em um contexto de Cooperativa Econômica-Solidária a partir da expressão grupal observadas durante as oficinas e atividades coletivas, contribuindo para geração de trabalho e

renda para mulheres em situação de vulnerabilidade, incentivando as iniciativas econômicas de caráter coletivo, além de favorecer o processo emancipatório das famílias envolvidas.

O estágio Supervisionado em Psicologia Organizacional e do Trabalho será realizado no Abrigo Deus, Cristo E Caridade e esta associação têm por finalidade prestar serviços, executar programas ou projetos de proteção social básica ou especial, dirigidos às famílias e indivíduos em situações de vulnerabilidade ou risco pessoal e social, sem distinção de qualquer natureza como sexo, cor, trabalho, credo religioso e convicções políticas, contribuindo para a sua emancipação social.

A atuação constitui-se através do trabalho com o grupo de participantes envolvidas, onde, objetivando facilitar a comunicação e promover a qualidade das relações interpessoais, coesão e identidade grupal, utilizar-se-á de técnicas como Dinâmicas, Observação Direta e Espaço de Palavra (pelo significado atribuído a partir da teoria Psicodinâmica do Trabalho) com vistas de proporcionar maior rendimento e benefícios ao grupo.

Os trabalhos são realizados com 20 participantes do sexo feminino, sendo 12 internas do Abrigo Deus, Cristo e Caridade e 8 selecionadas a partir de divulgação comunitária através de ações junto ao Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) do Jardim Alvorada - Maringá e com apoio da Secretaria De Assistência Social e Cidadania (SASC) do município, onde a psicóloga responsável atuou de forma a captar participantes aptas à realização de atividades culinárias, reunidas em Oficinas semanais.

A área de abrangência do CRAS-Alvorada se caracteriza por várias situações de vulnerabilidades que, segundo o Diagnóstico Social elaborado pela Kairós Desenvolvimento Social (2012) as mulheres abrangidas nesse território enfrentam problemas relacionados à pobreza, baixa iniciativa profissional, baixa escolaridade, violência doméstica, desigualdades sociais e dificuldades de acesso ao mercado de trabalho (Projeto Alimentando a Autonomia, 2012).

Culturalmente o homem tem o papel de provedor da família, o que deixa a mulher livre para ousar em alternativas menos tradicionais, como os projetos de geração de trabalho e renda que podem culminar em associações ou cooperativas, que na maioria das vezes permitem a mulher exercer suas atividades em horários flexíveis.

Desta forma fica clara a necessidade de realização de trabalho com mulheres contribuindo para o desenvolvimento organizacional, qualificação técnica e para comercialização, bem como a inserção no mundo do trabalho, o que se reflete nos seus comportamentos sociais e contribui para efetivação dos direitos humanos (Projeto Alimentando a Autonomia, 2012).

Tendo em vista tais participantes, utilizar-se-ão técnicas como Observações; Entrevistas de triagem para a formação do grupo; Grupo Operativo; Acolhimento, Escuta compreensiva, Dinâmicas de Grupo e Palestras onde serão trabalhados conteúdos relativos à autogestão, economia solidária, trabalho em equipe, inter-relacionamento, formação política-cidadã, bem como serão refletidos conteúdos como autonomia, protagonismo e sua inserção no mundo do trabalho.

Como fruto dessa oficina espera-se também a constituição do Regulamento Interno, onde as próprias participantes do projeto atuam na elaboração do mesmo, através de discussão em grupo, pontos que consideram relevantes são incorporados ao Regulamento o qual pretende pautar os comportamentos das participantes diante situações adversas, norteando a convivência, responsabilidades e a forma de divisão de lucro posteriormente.

Espera-se acompanhar o desenvolvimento do Projeto de Geração de Trabalho e Renda “Alimentando a Autonomia”, por meio de oficinas e atividades, promovendo o entrosamento e coesão do grupo através da formação da identidade do mesmo, objetivando que as participantes envolvidas encontrem-se aptas para o preparo dos alimentos, gestão dos negócios e comercialização, além de realizar os trabalhos propostos de forma coletiva, contribuindo para o aumento da renda familiar e sendo incentivadas a atitudes de liderança e autonomia social.

### **Referências**

Cardoso, J. C (2000). Desestruturação do mercado de trabalho brasileiro e limites do seu sistema público de emprego. Brasília: IPEA.

Dejours, C. (1993). Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. In Chanlat, J. (coord.). O indivíduo na organização. São Paulo: Atlas.

## **Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia**

*Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?*

**Universidade Estadual de Maringá**

**ISSN 1679-558X**

---

Gaiger, L. I. (2003). Os empreendimentos econômicos solidários diante do modo de produção capitalista. Revista Caderno CRH. Salvador: UFBA.

Mance, E. A. (1999). A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual. Petrópolis: Vozes.

Mendes, A. M. (2011). Psicodinâmica e clínica do trabalho: temas, interfaces e casos brasileiros. Curitiba: Juruá.

Singer, P. (2000). Economia solidária: um modo de produção e distribuição. São Paulo: Contexto.

Singer, P. (2002). Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Perseu Abramo.

Wautier, A.M. (2003). Economia Social na França. In: Cattani, A.D.. (Org.). A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores.